

# Necessitamos de uma terceira revista de Ginecologia e Obstetrícia?

Roberto de Oliveira Galvão\*

**Femina** abre 2010 com um excelente editorial do doutor Sérgio Flávio M. Camargo sobre um tema palpitante; uma nova Revista? Não necessariamente, e sim a criação de um espaço, dentro de nossos periódicos, cientificamente embasado, com rigor editorial voltado também à experiência desse médico que, ao final de longos anos distantes da Academia, constrói uma experiência, por meio de séries pessoais, tão robusta e digna de nota quanto àquela dos Serviços Universitários, onde as facilidades são maiores, as responsabilidades não menos importantes e algumas vezes com resultados não tão alvissareiros, mesmo com um número maior de profissionais, teoricamente, mais capacitados; não se esquecendo, aqui, da posição referencial e da não-desprezível importância do aspecto treinamento que caracteriza as instituições formadoras de Médicos, que no momento passam por um “inchaço”, em termos de número, em detrimento à qualidade de ensino.

Muito bem colocado pelo doutor Camargo as dificuldades impostas pela Medicina Baseada em Evidências (MBE) a esse médico bem formado, atualizado, muitas vezes referência em práticas clínicas ou experiência cirúrgica, quando pretende publicar séries relevantes, manobras ou técnicas cirúrgicas e até equipamentos médico-cirúrgicos, permitidas pela boa prática diária, a qual alguns, bem iluminados, idealizam; não se esquecendo das condições pouco favoráveis que a maioria desses colegas enfrentam na sua prática diária, principalmente no Serviço Público e interior. Aqui, vale considerar a inegável importância da MBE, sem se esquecer que esta deve se adequar às condições econômicas e geográficas que médico e paciente transitam; em outras palavras, o médico além de sua responsabilidade resolutiva, científica e humanamente embasada, deverá atender sua paciente obedecendo muito mais um critério de individualidade que o rigor de um protocolo que nem sempre contempla aquele caso específico e que, na maioria das vezes, foi idealizado por um grupo de médicos totalmente distantes da geografia e realidade do nosso país.

Nossa especialidade é exercida num país de dimensões continentais por um número impressionante de profissionais que alcançam, depois de alguns anos em sua prática diária, considerável experiência clínico-cirúrgico-obstétrica, a despeito de condições nem sempre favoráveis de trabalho; ainda assim, um número grande desses médicos, além do atendimento diuturno ao paciente, é capaz de orientar, ajudar e melhorar a formação de outros profissionais sem serem, se quer, ligados a uma instituição de ensino. Não é possível que esses profissionais não tenham o que contar, ou melhor, o que publicar! Tem e muito, falta apenas um incentivo editorial em nossos dois periódicos, sem que estes percam quaisquer de suas qualidades já conseguidas; ao contrário, ganharão um espaço de praticidade, experiência e determinação trazidas por esse médico competente, humano, resolutivo e que representa, com muita dignidade, a maioria dos toginecologistas do nosso país.

\* Professor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Uberlândia (MG), Brasil.